

Ikebana zumbi e o polvo insone se encontram na geleia da existência

“When I can't sleep, I think about the 1ircunscreve glass box that is still stirring with life even in the darkness of night. That pristine aquarium is still operating like clockwork. As I visualize the scene, the sounds of the store reverberate in my eardrums and lull me to sleep.”

— **Sayaka Murata (Convenience Store Woman)**

“Isto é uma rosquinha. É muito doce e muito boa. Mas se você nunca experimentou uma rosquinha você não saberia o quanto é doce e gostosa. A meditação transcendental é assim, é necessário prová-la para compreendê-la, e eu garanto que é muito mais doce que esta rosquinha”. O cineasta David Lynch abriu uma de suas conferências sobre a técnica indiana milenar segurando uma rosquinha fresca. A imagem direta escolhida pelo cineasta funciona como isca que instiga o espectador a abrir-se para algo novo. Através desta sobreposição improvável de assuntos, Lynch direciona sua plateia para dentro do vórtex misterioso que constitui a mente humana.

O praticante da meditação transcendental trabalha sua concentração e respiração para atingir a consciência plena, algo como um estado ‘hiper-acordado’ que o leva para além da experiência mais imediata da realidade. Atualmente experimentamos a sensação de um presente extremo bem distante do almejado pela meditação transcendental. O sistema produtivo globalizado não só embaralhou a nossa percepção de tempo/espço, como alterou a nossa capacidade de dar sentido à uma sucessão de acontecimentos, convertendo os dias e semanas em uma espécie de gelatina de tarefas acumuladas e demandas insupríveis.

Nos últimos meses Yuli Yamagata se ocupou profundamente da vigília. Para criar o grupo de trabalhos apresentados nessa exposição, a artista habitou um lugar entre a meditação e a ansiedade desestruturante da contemporaneidade, em outras palavras: passou muito tempo acordada em espaços fechados. A insônia e o confinamento a levaram a uma imersão no universo várias vezes perturbador e distópico dos mangás japoneses. A linha tênue entre o prazer e o horror, entre o humano e a máquina, a indistinção entre a realidade e o onírico, são assuntos centrais deste gênero de histórias em quadrinhos e um ambiente muito caro à artista desde o início de sua trajetória.

O espaço fragmentado e o ritmo próprio dos gibis nipônicos informam muitas das composições de Yamagata. Na obra *O Cyborg Nascendo*, por exemplo, vemos um corpo deitado em *contra-plongé* sob um vasto céu sugerido por um pedaço de algodão branco tingido em *tie-dye*. Sobre as manchas aguadas, flutuam sanguessugas de tecido. O *tie-dye*, emblemático da estética hippie-psicodélica que marcou a geração 60-70 no ocidente, é na verdade uma versão apressada do *shibori*, técnica de tingimento japonesa que existe desde o século VIII. Cada peça tingida desta maneira é singular, resultante da precisa administração do índigo líquido e uma sequência de dobras e torções que imprimem o ritmo do trabalho do artesão e suas escolhas. O *shibori* é o extremo oposto do elastano cintilante que dá forma ao corpo do cyborg. Ao justapor a técnica japonesa milenar ao tecido industrial, Yamagata apresenta por uma via pop sua crítica à velocidade de produção e descarte da indústria têxtil.

Seguindo esta premissa, os trabalhos mais recentes de Yamagata marcam uma espécie de transição – ou a desaceleração da deglutição da imagem, em suas palavras. Ela passa a dosar mais a lycra em tons fluorescentes – típica do universo visual dos marombeiros e praticantes de *cross-fit*, e as protuberâncias e distorções têxteis que caracterizaram seu trabalho nos últimos anos. Talvez o que ela chama de digestão mais lenta tenha mais a ver com comer uma pizza usando *hashis* do que com um *detox* do olhar. Suas composições seguem tenras e carregadas de informação, mas tornam-se menos imediatamente apreensíveis. O exercício de decodificar as referências e reconhecer a origem dos objetos que constituem suas composições em tecido e resina se complexifica nesta exposição e, assim como David Lynch, Yamagata nos oferece rosquinhas frescas no lugar de respostas.

Para quem nunca se convenceu que as coisas são o que parecem ser, não há barreira semântica intransponível. O que seria a realidade se não a própria linguagem? A sensação de suspensão da realidade palpável – ou a falta de palavras para descrever o que vivemos -, que muitos de nós experimentamos durante a pandemia, é o habitat natural de Yuli Yamagata. Ela parece ocupar-se tão somente de construir conectores impossíveis entre o terror psicológico, os excessos do consumo e o desejo imanente de transcendência. Esta articulação é evidente na obra *Summer Sweaty Dreams*, uma versão mais “alta costura” dos *mash-ups* têxteis da artista. Para compor um ambiente iluminadíssimo – quase radioativo – a partir da sobreposição de tecidos acetinados e aveludados, Yamagata toma emprestado o esqueleto gigante (Gashadokuro¹) de uma gravura macabra do período Edo². A caveira sanguinária do original aparece sorridente e ensolarada na obra de Yamagata e, ao invés de ameaçar um grupo de pessoas, parece deleitar-se com um ramo de antúrios frescos. Já não há mais carne, mas lhe restam os sentidos.

A série de esculturas *Ikebana* e as “poças” de coisas conservadas em resina, presentes na exposição, são também uma espécie de substrato material de tempos e corpos exauridos. O líquido sintético semitransparente e estranhamente duro com que são feitas as obras nos encerra ad aeternum no amanhecer desconfortável de uma noite passada em claro, seja por insônia ou boemia. Sua presença é abjeta e reveladora de um modo de vida. A obra “Chorume” é o mais complexo dos pesadelos lúcidos criados pela artista. O amálgama de objetos disparatados que a constitui são o espelho do narciso contemporâneo: disperso, tóxico, asfixiante e encerrado em si mesmo. A flor que brota da poça de resina é de plástico. Suas pétalas sintéticas materializam o conflito inexorável entre desejo e realidade: a flor irrompe a forma a que foi submetida, mas sua própria constituição a trai.

O insone nunca está totalmente acordado ou totalmente dormindo. Na insônia nada é real, diz o protagonista do filme *Clube da Luta* (1999). Há mais de vinte anos, o diretor americano David Fincher usou a insônia como fio condutor para um dos retratos mais perturbadores da alienação autoindulgente da classe média de seu país durante a virada do século XX para o XXI. No filme, um executivo que vive em função de seu trabalho em uma empresa de seguros medíocre, oscila entre a apatia, a paranoia e a violência para lidar com a falta de sono e a falta de sentido de sua existência. No tempo em que as compras remotas eram feitas através de telefones fixos e catálogos impressos, o personagem psicótico de Fincher já ensaiava uma cruzada inglória contra a manipulação corporativa do nosso inconsciente. Quando *Clube da Luta* foi lançado, 0,4%³ da população mundial tinha acesso à internet e seu impacto na vida cotidiana era mínimo. Em 2021, 64% da população mundial tem acesso à rede e durante a pandemia observou-se um aumento entre 40 e 100% no tráfego de dados em todo o planeta.

¹ No folclore japonês, o “Gashadokuro é um tipo de “yokai”, monstro, demônio ou ser espiritual mitológico), descrito como um ser resultante da união dos ossos das pessoas que morreram de fome, em estado de abandono, ou não foram sepultadas, se reerguendo na forma de um esqueleto gigantesco. O gashadokuro seria um ser nômade que se alimenta de carne humana.

² Takiyasha, a Bruxa e o Esqueleto de Utagawa Kuniyoshi (sec XIX), coleção Victoria and Albert Museum

³ Dados retirados de: <https://www.internetworldstats.com/emarketing.htm>

A materialidade na mesma medida sedutora e indigesta dos trabalhos de Yamagata é uma resposta à privação sensorial do mundo digital ao mesmo tempo em que evoca os prazeres e os perigos do consumo excessivo. A indução algorítmica do nosso desejo foi elevada à graus inéditos neste cenário de confinamento intermitente e para consumir supostamente temos que estar acordados. No livro *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono*⁴, o crítico americano Jonathan Crary descreve o sono como a última barreira a ser ultrapassada para a consolidação de um modo produtivo ininterrupto e totalmente vigiado, ou seja, o último reduto não mercantilizado da atividade humana. Crary argumenta que um sistema econômico global que depende do mercado 24/7 e do consumo *non-stop*, não é compatível com o “tempo morto” do sono. Para o autor, as horas de repouso profundo devem ser protegidas pois são o único respiro possível dentro da lógica de gasto permanente e desperdício sem fim do capitalismo global. O livro de Crary é de 2013 e, como não poderia deixar de ser, a franquia Pokemon⁵ lançou este ano o game Pokemon-Sleep com a proposta de transformar o sono em entretenimento ou, em outras palavras, transformar sua atividade onírica em dados a serem vendidos.

Os polvos mudam de cor porque sonham, e certamente não são o público alvo do Pokemon Sleep. Entender o tempo com uma sucessão lógica de acontecimentos, hoje me parece tão absurdo quanto insistir na excepcionalidade da espécie humana ou subestimar a iminência catástrofe climática. Estamos sentados na sala de espera de algo radicalmente diferente e que ainda não tem nome. Uma mudança epistemológica está em curso e o paradigma neoliberal está em xeque, não sabemos se o que vem é ainda mais aterrador ou se a tecnologia e a ciência apontarão para caminhos que valorizem a alteridade e a cooperação mútua; provavelmente as duas coisas. Enquanto isso, as formas estufadas e os Franksteins de armarinho de Yuli Yamagata nos confrontam com o confinamento cognitivo a que fomos submetidos e zombam de qualquer tentativa de circunscrevê-los com palavras que existem. Sua presença excêntrica parece apontar uma rota de fuga possível em meio a um incêndio anunciado.

- O último a sair apaga a luz.

Fernanda Brenner

⁴ CRARY, Jonathan. *24/7 Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*, Ubu editora, 2016

⁵ <https://www.frieze.com/article/how-pokemon-sleep-promises-commodify-our-dreams>